



# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 26 de Dezembro de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 986 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Tribuna de Coimbra

Parece uma inquietação geral e é um sinal muito positivo a procura do bem dos homens da chamada Terceira Idade.

Os três estados na vida do homem não podem deixar de preocupar os homens válidos e responsáveis e responsabilizados: a criança, o doente e deficiente, o idoso.

Ainda há pouco visitámos dois Lares para pessoas da terceira idade. A primeira visita foi ao Lar de S. José, na cidade da Covilhã. Já nos dias que aqueles que puderam e quiseram vieram passar a nossa casa da Praia de Mira nos ficou muito boa impressão. Nessa altura prometemos visitá-los no seu Lar. Com que sorriso e abraços eles nos receberam e agradeceram e insistiram que para o ano voltaríamos e que lhes abrissemos de novo as portas!

Visitámos toda a casa. Do grande casarão já adaptaram parte para pequenas salas com lareira, mesas e televisão; quartos individuais ou de três camas; os corredores foram isolados com portas muito práticas; os montacargas e os elevadores; as varandas soalheiras; as salas de jantar com pequenas mesas; as câmaras frigoríficas; as salas alcatifadas; o trabalho de adaptação do resto do edifício que esperamos fique também muito funcional e acolhedor; o pequenino quintal todo muito bem aproveitado para horta e que todo ele é um mimo; pequenas instalações para animais — tudo muito familiar e muito caseiro.

Todo o ambiente nos pareceu muito saudável e as pessoas pareceram-nos felizes; o acolhimento e serviço das Irmãs religiosas tem de marcar toda a vida da grande comunidade; toda a ordem no pessoal auxiliar; a limpeza nos seus pormenores; a alegria do homem que olha e trata os animais a falar e fazer mimos às duas vitelas que irão ser mães e à porquinha que já traz dentro de si uma ninhada de filhinhos. Que felicidade a daquele homem! O cuidado e a dedicação dos dois homens que amanhã o quintal e o encanto no recolher os frutos.

Despedi-me de todos muito contente. Mas veio comigo uma certa inquietação. E se fosse

possível uma casa assim, com um quintal grande, com pequenas oficinas, com mais animais; onde todos aqueles que ainda se sentem válidos pudessem ocupar livremente a sua vida, conscientes de que ainda servem?

A segunda visita foi a um Lar numa aldeia. A antiga casa foi restaurada e foi acrescentada com novas instalações. Tudo mais pobre. Não me pareceu muito funcional. Agora ainda tudo é novo e fica bonito. Amanhã aparecerão as fendas e as paredes sujas.

O ambiente humano é de paz. Há pessoas deficientes mentais que perturbam um pouco, mas os deficientes também têm o seu lugar. Há generosidade e amor de quem serve. Naquele dia reinava muita alegria na escolha da azeitona que os mais válidos andavam a colher nas oliveiras. O trabalho ame-

niza o sofrimento e a solidão. Sentados a trabalhar, havia muitos sorrisos e cantares de alguns. Despedi-me, sentindo também o ambiente de bem a que todos têm direito.

No meu pensamento têm andado também aqueles que são envelhecidos à força, que são arrumados: envelhecidos pelos familiares, envelhecidos pela profissão, envelhecidos por metas de idade, envelhecidos por outros factores externos. Mas em cada um há ainda consciência de que pode ser válido, que não quer ser peso. Quantas frustrações humanas motivadas por este envelhecimento?!

Os Lares que deveriam ser para todos um bem, não terão que ser para alguns motivo de abandono ou de arrumo?!

Este pensamento também me tem atormentado.

Padre Horácio

## Aqui, Lisboa!

● Sai este número de O GAIATO em plena semana do Natal. Tal facto sugere-nos dois ou três pensamentos que queremos partilhar com os nossos Amigos, sem qualquer espécie de pretensão.

O primeiro, dizemo-lo penosamente, é de verdadeira amargura. É que, para mal de todos nós, as palavras vão perdendo o seu autêntico significado e o acontecimento de há 2.000 anos pouco ou nada representa para a maior parte dos homens, quiçá cristãos. Despesas sumptuosas em tempo de austeridade; consumismo exorbitante à maneira da época; ocasião para manifestações sem qualquer nexos com a realidade do Presépio; oportunidade para nos pormos nos bicos dos pés e, mais uma vez, evidenciarmos a nossa suposta importância e apregoarmos os nossos bons sentimentos.

A segunda nota desta par-tilha refere-se à tristeza que

nos invade, em vermos acentuadas, cada vez mais, as diferenças entre os homens: uns, embora minoria, cada vez mais ricos; e outros, a grande legião da Humanidade, cada vez mais esquecidos e mais pobres. Diz-nos o Banco Mundial que 800 milhões de pessoas vivem em pobreza absoluta, sofrendo de fome crónica e de má nutrição e que dos 165 países existentes, 140 se consideram a si mesmos em vias de desenvolvimento, usufruindo apenas 20% de riqueza. Não há, pois, Natal, quando os problemas assim se põem, a começar na terra portuguesa, mesmo que os alcatruzes se tenham invertido na nora da vida.

O terceiro pensamento vai para grande parte da Humanidade sujeita a escravidão, não só por não ter condições de vida mínimas, mas porque sujeita ao despotismo de meia dúzia de nações poderosas ou de oligarquias reduzidas de pessoas, enquanto milhões e milhões são delapidados em corrida aos armamentos mais sofisticados e altamente onerosos dos orçamentos. Também não há aqui a visão autêntica do Presépio, antes a de Satanás, que esse é que é guerreiro e belicoso.

Finalmente, e apesar de tudo, uma palavra de esperança. Nós acreditamos no mistério salvífico começado a operar no tempo, em Belém, que veio restituir ao Homem a sua verdadeira dimensão e o seu autêntico lugar. Dimensão de infinitude, porque criado à imagem e semelhança de Deus e lugar de paz, de justiça e de amor, sem egoísmo ou prepotências aniquiladoras da sua dignidade de Filho de Deus. Sim, no Presépio, nasceu o Salvador de todos os Homens, sem excepção, dom gratuito da Paternidade do Criador e manifestação da Sua infinita Misericórdia. É nesta visão que queremos comemorar o Natal e assentes nela desejarmos aos nossos Amigos as maiores venturas.

● Vai-se complicando, cada vez mais, a venda de O GAIATO nas Companhias da Capital, nomeadamente nos Estabelecimentos Bancários, nos C. T. T. e nos T. L. P. Em nome da segurança vão-se fechando as portas e, sucessivamente,



## Cinquenta mil

Poderíamos ter omitido a notícia. Mas, por amor à verdade, um Fogo interior impele-nos a comunicar aos Leitores que O GAIATO voltou a lançar uma tiragem superior a 50.000 exemplares — a partir da última edição. Facto que não acontecia há cerca de nove anos, exactamente desde Janeiro de 1973.

Damos graças a Deus pela boa nova. Até porque O GAIATO, pequeno como é, não anda pelas alturas deste mundo. No das almas, sim. E são elas — mais de 50.000 — que fazem o Jornal, em diálogo, em partilha; vivências que arrastam os homens a serem cada vez mais Homens, promovendo os Pobres e Oprimidos ao lugar a que têm direito — pelo Mandamento Novo. Este é o Sinal da projecção do Famoso! Não tem outro. E assim será, até sempre — por vontade expressa de Pai Américo — quando já não houver Pobres que sofram.

Júlio Mendes

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

«RETALHOS DE VIDA» — Silvério é que me vem trazer O GAIATO. Sabe bem que um deles m'o traga.

Eu leio. Entre tudo, os «Retalhos de Vida» são um verdadeiro livro abento, um autêntico desafio à sociedade — sempre à procura do belo, das letras, dos historiadores e dos poetas. Estrelas, musas e não sei que mais, tudo é realçado por críticos em tom declamatório, preenchendo assim programas de T. V. e páginas de jornais.

Os senhores perdoem-me, mas acho mais valor aos «Retalhos de Vida» dos nossos rapazes. Eles contam um pequenino resumo delas, com letra deles, às vezes com o coração a sangrar. Em cada retalho eu sinto uma acusação à nossa pobre sociedade que tanto realce dá ao passado, à grandeza. E estas vidas não contam. A rua! Os que são dela não contam. Flores da lama!... Quem me dera saber contar estas flores! Pedagos de mantas que eram farrapos e se afirmam esperança de salvação da própria sociedade, integrando-se nela.

LAR DE SETÚBAL — Tem-se falado pouco dele! Talvez que muita gente não saiba que existe na própria cidade. Eles construíram-no. Para lá são encaminhados os que, depois do Ensino Básico, vão trabalhar nos officios, ou na continuação dos estudos.

É uma pequena comunidade que tem um chefe, um deles, a quem cabe uma parte da responsabilidade — faz escalas e distribui obrigações; uma Senhora zela; um Padre da Rua procura empurrar, incitar, fazer o que eles ainda não fazem! O lugar de Pai é dele.

Há horas para tudo. Como na tua casa, há altos e baixos. Queremos ser Família e nela procurarmos seguir Nazaré. Se nos quiseres ver naquilo que somos, a porta está aberta. Não temos segredos. Ao lado são as oficinas, meta de alguns que aprendem, outros não.

O distrito de Setúbal ainda não acordou para ver estes seus filhos!...

BERNARDO — «O Ernesto ainda não adoeceu desde que eu vim para carpinteiro» — disse o Bernardo. É verdade! O que ele quer dizer é que não contribuiu para a minha doença.

Eles são sinceros, não querem contribuir para o mal. Se o fazem é por ignorância ou por não darem por ela.

Ora, eu tenho lutado para encaminhar o Bernardo a fazer-se Homem. E espero que não me deixe adoecer. Ralho muito, mas sabe o porquê deste ralhar.

DELICADEZA — Com minha mulher passei pela nossa Casa do Gaiato, do Tojal. Era à noitinha. A malta rezava o Terço quando entrámos. Um pequenito repara em nós. Tira dos seus joelhos uma almofada onde estava ajoelhado e põe-na diante de minha mulher.

Gravei a delicadeza desta criança e ponho-a aqui para que dela façam doutrina.

FERIDAS — Carlitos é um dos três irmãos algarvios que estão conosco há já alguns anos. É o mais enfezado. Tem andado nos médicos, fazendo exames e análises. O seu desenvolvimento é precário. Os médicos, olhando a idade e o físico, até nos perguntaram se os ascendentes são de estatura normal.

As marcas geradas no ventre das mães dão estes e tantos outros atrofiamentos. Apesar de bem alimentado, o Carlitos e outros não se desenvolvem normalmente. Há feridas que a sociedade provoca, por via de não acudir a tempo. Acudir ao presente, para que o futuro seja saudável. As famílias pobres precisam que as busques nos locais onde se albergam. Não se podem fazer papas sem farinha. Cada freguesia deveria tratar das suas famílias mais carecidas...

Ernesto Pinto

## Paço de Sousa

DESPORTO — Vieram até nós duas equipas de futebol. Sábado, dia 5, os Leões de Veneza que empatarem 4-4. Domingo, 13, defrontámos o Bairro Novo e ganhámos 4-1.

Mas, como temos dito, os resulta-

dos não contam. O importante é que venham conviver conosco.

Aqui deixamos o convite a outras equipas. A nossa Casa é porta aberta para toda a gente. Venham sempre!

LAVOURA — Depois de grande seca, a terra recebe de braços abertos a chuva que tem caído nestes últimos dias. Ela é muito boa para os produtos agrícolas se poderem desenvolver.

Na horta, as tronchudas e as nabijas estão uma beleza!

Esperamos que o tempo permaneça em condições para bem das culturas.

NATAL — As pessoas começam a preparar o Natal. E nós o nosso. Cada casa faz o seu presépio simples, que estimula nos rostos a alegria de voltarmos a viver o grande acontecimento — o nascimento do Menino Jesus, em Belém.

Mas Natal não são só coisas bonitas, ter prendas, etc. Natal é acreditarmos em Deus, ajudarmos o Próximo em suas necessidades, parar a guerra e o ódio entre os homens. Natal é sentirmos as necessidades dos Outros e vivermos o grande acontecimento de coração aberto.

Desejamos que todos vivam melhor este Natal, que compreendam a grandeza da Festa que estamos a comemorar.

OBRAS — Numa comunidade cristã, como a nossa, a capela é o centro da nossa Vida.

Pois o edifício da capela, devido à sua longa idade, precisa de arranjos interiores e exteriores. As paredes exteriores já foram picadas. E a obra vai continuar para tornar mais confortável esse Lugar de tanta importância em nossas Casas.

ANO NOVO — São vários os dramas que causam a vinda de rapazes para a nossa Obra. Uns, porque a família não tem possibilidades de os criar; outros, porque a família se desfez. Para todos, a sua família é a nossa Obra.

Com a aproximação da passagem do ano, é costume cedermos aos pedidos de familiares e deixar os rapazes, que têm família capaz, irem passar o Ano Novo a sua casa —

para reverem amigos e familiares. Muitos ficam por cá... E outros, que por cá passaram também, vêm até nós, pois sentem aqui a sua família.

Desejamos, por fim, que todos os nossos leitores passem um feliz Ano Novo.

«Réguas»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A pobre Viúva traz notícias de uma pensão de sobrevivência que se arrastava. Primeiro, um vale de correio de seis contos e tal: retroactivos. Depois, mais dois sem justificativo: um de 800\$00, outro de 220\$00. Mensalidade normal, supomos; e que, do ponto de vista de Justiça Social, é caridadezinha ultrapassada!

Ela fita-nos com ar de amargura: — «Agora deixam de m'ajudar?!...»

Que havíamos de dizer?! Temos-lhe entregue cinco contos mensais para criar os filhos — para não descambar na prostituição.

Regressa com outra cara. Feliz! E aperta o filho mais novo ao seu peito de Mãe.

● O vicentino fora por mor da ração de leite para uma inocente que não tem culpa dos passos de quem a gerou. Viu. Conversou. Analisou. E chega de coração esmagado:

— «Nós temos de cobrir o tecto daquela casa!...»

Ele é tesoureiro dos Pobres. Escrupuloso. Homem certo no lugar certo. Mais expressivo o SOS!

— «Vem aí o Inverno...!» — continua. «Chuva, vento, frio...!»

Será menos uma família sujeita às intempéries — pelo Nascimento de Cristo.

● Era distribuidora de pão. Depois, que a velhice não perdoa, deixa a volta, mete-se em casa e desconhece seus direitos — por ser analfabeta.

Um belo dia, há cinco, seis anos, topámos a pobre mulher: — V, passa mal, com benefícios por colher!...

Metemo-nos a caminho. Andamos de bodes para Pilatos. E vem a receber, oportunamente, a pensão. Quase delirou. E rejuvenesceu!

Hoje, como outros/as que nos passam pela mão, recebe o cartão de pensionista. Vem até nós, pois não sabe do que se trata. Explicamos. Foi mais um cair de hossanas por um direito reconquistado!

● O Deficiente a quem fornecemos cana de pesca, deixou, há muito tempo, de ser carga para a comunidade. Graças a Deus!

Todo o investimento que lhe concedemos sem paternalismo (veículo, lotaria, etc.), é gerido por bom empresário. Mais: o equilíbrio deste homem, integrado no meio — ontem marginalizado, complexado — é uma afirmação. Não pára! Última, agora, inclusivé, a sua própria moradia. Já nos deu o toque... Será Justiça completa.

Não tarda a findar o Ano Internacional do Deficiente. A nível local, pelo País fora, discretamente, quanto se poderia fazer pelos casos, mais recuperáveis — sem pesadas organizações!

PARTILHA — Uma vez por outra — a Caridade é universal — estendemos a acção por mais largo; e as contas que Deus faz batem sempre certas. Foi migalha para um Pobre, ao qual sacerdote amigo bota a mão na hora própria. «Não é preciso mandar muito» — esclarece. O caso das canadianas — para velha Amiga do Ribatejo — feriu almas de Setúbal, Porto, Cebolais de Cima, Lamego, Catuja, Lisboa, Esmeriz e Oeiras.

A moradia para aquela mulher separada do marido é ultimada com o indispensável — e muito carinho da parte dos leitores. Ai vão mais duas notas da assinante 25205, de Aveiro.

Casal-assinante 17022, 200\$00. Da rua D. Agostinho de Jesus e Sousa, Porto, cheque «para ajuda das Festas de Natal». Outro de Vila Nova da Cerveira «para as necessidades que entenderem». Duas notas de Coimbra, em vale de correio. «Uma lisboeta» manda «um abraço fraterno e uma brozinha para a Conferência». Ainda da capital, o costume de «Velha Amiga». Vancouver (Canadá): «Como estamos a preparar o Natal do Senhor, que o meu sacrifício possa alegrar alguém, nessa altura». Senhora, de visita assídua, 250\$00 em discreto sobrescrito. Cheque de Cardigos, dividido em «satisfação de uma promessa». Ponte do Gouve, 500\$00. Remessa de Estremoz com muito carinho pelos Pobres. Presença de Senhora que, há muito tempo, dispõe parte do vencimento pelos Pobres: 6.500\$00. Agora, peçamos ao Pai do Céu por um casal aflito: «Que Deus dê Força para nos amarmos, apesar de todas as dificuldades...» O grande Sacramento!

Agradecemos em nome dos Pobres. E retribuimos, com amizade, votos de santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes



Uma panorâmica da nossa Aldeia do Tojal

## Do que nós necessitamos

Os habituais 200\$ em selos de correio, vindos da Amadora. 5.000\$00 por alma de Garibaldi. Anónimo de Gondomar com 6.000\$. Vale de 1.217\$50 dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha de Comércio. Das irmãs Ferreira de Barros, grande quantidade de flanela. 3.000\$

de Valongo. Por alma de Irene 200\$. De Cascais, 5.000\$.

Uma «contribuição voluntária»: cheque de 12.000\$00. Sufragando a alma de Maria Rosa, 500\$. Pela saúde da Joa-



## Retalhos de Vida

## O «Engenheiro»

Eu sou o Rui Manuel dos Santos Bento, mais conhecido por «Engenheiro». Foi o apelido que me pôs o «Campañera».

Nasci em 29 de Julho de 1968, em Torres Novas, onde vive minha mãe e também os meus familiares. Somos oito irmãos, dois dos quais estão comigo («Tomate» e «Balela»), aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, desde 1980.

Em minha casa as condições não eram muito boas. Meu pai morreu de cancro, na cabeça e na cara, em 25 de Novembro de 1979. Por isso, minha mãe encaminhou-me para a Casa do Gaiato, onde encontrei carinho e amigos.

Por lá, na minha casa, estava quase sempre a tomar conta dos meus irmãos mais pequeninos. Lavava a loiça, varria a casa, limpava o pó, enquanto minha mãe ia trabalhar para a gente ter de comer. Quando chegava o meio-dia, pois trabalha em várias partes à hora, eu já tinha a comida quente, feita por ela antes de sair. Assim, não perdia tempo.

Quando vim para a nossa Aldeia, em Paço de Sousa, entrei no grupo da lenha. «Rolita» e Cipriano foram meus chefes. Depois, fui para a limpeza da casa-mãe. Agora, estou na rouparia: passo a ferro, dobro a roupa e arrumo a da casa três.

Penso ser tipógrafo, quando acabar a Telescola. E, depois, quero continuar a estudar, à noite, na Escola Secundária de Penafiel.

Espero, em Deus, que tudo aconteça como desejo.

Rui Manuel («Engenheiro»)

## Aqui Samodães

## Jardim Infantil

É verdade que uma grande parte das coisas, dos acontecimentos, dos benefícios ou das desgraças, das carências ou do progresso, não têm um sentido absoluto. A sua beleza ou vantagem, o seu aspecto negativo ou doloroso, o entusiasmo ou a indiferença que possa provocar, dependem duma série de circunstâncias: o temperamento das pessoas; a sua vida mais ou menos ocupada; o seu egoísmo ou o seu interesse pelo bem da comunidade; a sua educação familiar, social ou intelectual; a sua tendência para dialogar ou para se isolar, podem ter maior ou menor influência em qualquer obra ou empreendimento.

E, assim, uns vêem o Jardim Infantil como um acontecimento invulgar em Samodães. Outros ainda não deram conta de todo o bem que se está a fazer. Há pais que, à distância e com muita antecedência, reservam um lugar para a inscrição dos seus filhinhos. Também há quem veja um montão de dificuldades e não faça o pequeno sacrifício de acompanhar o filho ao local de actividades. O Jardim Infantil, compreendido na sua ampla acção educativa e de formação, seria querido por todos:

— Se o tivéssemos como uma coisa nossa e de interesse colectivo — acabavam todas as dificuldades;

— Se não tivéssemos tão agarrados aos métodos dos nossos avós — era fácil concluir depressa que os tempos são outros e que o Jardim se impõe;

— Se aceitássemos que o povo rural, o povo que transforma as nossas terras em pão e a quem devemos favores, apesar de lhe pagarmos o seu salário (por vezes menos justo), devia evoluir no bom sentido, devia procurar novos processos de trabalho, devia querer saber o porquê das coisas — e nós colaborávamos em tudo o que se pudesse chamar escola de virtudes;

— Se não responsabilizássemos somente o Governo pelo progresso e bem-estar das populações — nós estaríamos presentes a aplaudir e a dar o nosso contributo àqueles que levantam a voz e metem ombros aos empreendimentos;

— Se a nossa maneira de pensar, de agir e de viver fosse mais franca, mais clara e mais verdadeira — encontraríamos sempre um coração rico para saber repartir; uma inteligência aberta para não avolumar problemas; uma vontade decidida para colaborar alegremente.

Desta forma, o Jardim Infantil transformar-se-ia numa árvore frondosa, à sombra da qual se poderiam abrigar mesmo os que não fossem crianças, mas tivessem alguma dificuldade.

Padre Duarte

## Auto-construção

É jardineiro duma Câmara Municipal. Homem cheio de vida! Faz aqui **dormitório** em

casita pobre. No entanto, pelo exemplo de outros Auto-construtores, decide, com a mulher, abalançar-se a moradia decente, em lugar dotado pela Natureza.

ninha, 200\$. Visita de Armandina, com cheque de 4.850\$, pedindo orações. 10 mil escudos de Pigeiros. De Ermesinde, os 1.000\$ mensais. 4.000\$ da Tabacaria Lusa. E a visita anual dos Bairristas do Palácio e suas ofertas que somaram 5.029\$50.

Da R. Carlos Dubini, abraço de sempre e 500\$. De Tortozendo, 4.000\$. Dum magusto, 1.020\$ de Ermesinde. 1.050\$ de Gaia. Anónimo com 1.000\$, lembrando a alma dos seus familiares. Cheques habituais da Av. João XXI. Ass. 17325 com 200\$. Anónima de Espinho com 250\$, agradecendo uma graça a Pai Américo, pela viagem de sua filha e neto. E 1.500\$ por alma de Adília da Graça Filipe. 1.000\$ do Porto. Duma promessa 600\$ da ass. 1770. De Fiães, 1.500\$. Igual quantia de Celorico de Basto. Mais 1.000\$ de Lisboa. Pelas almas de Valentim e Olinde, 100\$. Em acção de graças, 20.000\$. Pelas mãos carinhosas dos «Avós de Sintra», 1.000\$ assim distribuídos: 300\$ dos Avós, 200\$ das pequenitas Marta e Isabel e 500\$ duma Amiga dos gaiatos. E 7.000\$ da ADEFA/CEC — sector cultural que, com muita amizade e carinho, nos visitou, repartindo com toda a nossa rapaziada almoço e merenda.

De Gondomar, 100\$ por alma de António Barbosa. 6.000\$ de Ovar. Helena com 100\$. Mais 2.000\$ de algures. E cheque de 2.500\$, de Paços de Brandão. 20 dólares do Canadá. 5 contos do Barreiro. Do Espinhal, 10.000\$ do ass. 31881. De Aveiro, 16.000\$. Ass. 8889 com 200\$. De Oliveira de Azemeis,

1.000\$. E 2.000\$ de Vila Nova de Ourém. Dos trabalhadores dos Correios, da R. Alves da Veiga, 203\$. Dum aumento de ordenado, 2.500\$. Ass. 30099 com 12.000\$. Amiga com 1.000\$. Por alma de Alfredo da Fonseca, 500\$ da Foz do Douro. 250\$ do Porto. 500\$ de Tentúgal. Das filhas da ass. 10737, 1.000\$. Mais 500\$ de Valongo. E 600\$ da criada Maria.

Isolete, de Matosinhos, com 500\$. De Coimbra, 600\$. De Lisboa, 500\$. Da Farmácia Teixeira, 1.000\$. Mais 700\$, de Lisboa. E 2.290\$ da Golegã. 1.000\$ «duma Transmontana». 5.000\$ da Praça de Alvalade. Escalos de Baixo com 10.000\$. De Gondomar, 3.000\$. De Carcavelos, 100\$. Angelina e Raquelina com 150\$ mensais. 200\$ de Odivelas, 2.200\$ de Mogadouro. E 20 contos de um Amigo. Mais 3.000\$ de S. Pedro do Sul. Outros 3.000\$ da Covilhã. «Pela Paz no lar da filha», 500\$ do Porto. «Mãe agradecida», de Matosinhos, lembrando seu filho Rogério, 500\$. Da Comissão de festas a Santo António, realizadas em Junho último, de Santa Marinha-Carvalhos, as sobras dos festejos totalizaram 17.133\$, que nos foram enviadas pela referida Comissão.

Anónimo de Águeda com 100 contos, a dividir pelo Calvário, pelo descanso eterno de um ente querido. E 500\$ de Beja. 5.000\$ de Gaia. 7.000\$ e 4 em balagens com vestuário.

De uma promessa, 500\$. De Linda a Velha, 5.000\$. «Gêmeos de Gaia» com 500\$. Mais 1.000\$ do Porto. E 5.000\$ da Rua D. Estefânia. 500\$ de Venda do Pinheiro. 1.000\$ do Porto

— habitual cota mensal. De Avintes, 500\$ por uma graça. E 600\$ por alma de Maria e Sebastião. 1.000\$ de Afonso & Sousa, Lda. As habituais mensalidades de D. Rosinha. Ass. 29586 com 1.500\$. Em cumprimento duma promessa, 500\$ de S. Mamede de Infesta. E 500\$ de duas viúvas da Póvoa de Varzim.

«Uma migalha da pensão de sobrevivência de meu marido, que é muito pequena», 500\$. Ass. 5425, de Gaia, vale de 4.430\$. Ass. 10858 com 1.000\$. Cândida com 200\$. Vale de 5 mil, de Famalicão. E 500\$ por alma de José António Branco. Pelas mãos do Pároco de Castro Daire e duma sua paroquiana, 1.000\$. Ass. 22182 com 1.143\$. Mais 500\$ de Espinho. Em acção de graças, 500\$ de S. Mamede de Infesta. E 1.000\$ por alma de Artur Fernando e Alzira Rocha. 1.000\$ de Barcelos. Ass. 22607 com 2.000\$. Da África do Sul — Witrivier, 10 rands. 5.000\$ da Maia. De há tempos a esta parte vários têm sido os donativos que nos chegam e falam do Natal que se aproxima. E nós desejamos seja de Paz e Amor.

De Silves, 200\$. Por alma de Manuel Pereira, 1.000\$. De algures, 1.000\$. Anónima com 500\$, por alma dos seus familiares. E 1.500\$ de «Portuense qualquer». 500\$ de Sabugal. Presença habitual de Fiães. 1.000\$ mensais de Portalegre. E 20 contos de algures. 1.000\$ de Tomar. Outros 1.000\$ de Luísa. 1.500\$ de anónima, pagamento dum empréstimo feito. 3.000\$ de Oliveira. Mais cheque de 1.000\$, de Linda-a-Velha. 300\$ de Conceição. 5.000\$ de Lagoa — Al-

garve. E 1.000\$ de Valbom. 4.000\$ da capital. De Alijó 1.000\$. Vale de 500\$, de Venda do Pinheiro.

Por alma de José Branco, 500\$. Cheque de 20.000\$, da R. Aires Ornelas. De Leiria a mensalidade do costume. 50\$ de Avintes. 1.000\$ de Gondomar, comemorando 25 anos de casamento. O Senhor os abençoe. Mais 8.000\$ de Ferragudo, de anónima. «Velha assimante» de Monte Estoril com 200\$. De Maria José, 1.000\$. E aquele grupo de comerciantes da Rua Santa Catarina que, há anos, nos visitam, e que este ano quiseram que o abraço fosse mais alargado, organizando um convívio em que todos participaram, inclusivemente os nossos casais obreiros. Foi, de facto, uma festa amorosa e familiar.

Passam agora, em conjunto, todos aqueles nossos amigos que, duma maneira ou doutra, entregaram suas ofertas no Espelho da Moda ou à porta do nosso Lar do Porto. E são muitos, graças a Deus. Há, por vezes, donativos que nos fazem meditar. Não pela sua pequenez ou grandeza, mas sim pela forma como nos chegam e pelas palavras que os acompanham. Ora vejamos:

«Envio um vale postal, da quantia de 5.000\$, pela grande graça que Pai Américo me fez. Mas desculpe ser pouco, pois sou uma mulher a dias e não posso dar mais.»

Sem comentários. Não deixamos de erguer as mãos ao Pai do Céu, por todos vós.

Manuel Pinto

Não vamos descrever o longo calvário do jovem casal, até poder erguer paredes! Desmotação oficial, sobreposta por verdadeiros Heróis, num País com monstruoso déficit habitacional. O homem chega exausto ao princípio da construção, pelo itinerário das leis, regulamentos — burocracia! E pelo vultoso investimento financeiro até pôr argamassa nas fundações da moradia.

Vai então ao crédito. Corre a papelada. Mas volta atrás, desiludido: — «Teríamos de pagar mais de 10 contos por mês, de encargos e amortizações! Vamos construir a casa às fins de semana, só com a ajuda de amigos e de pessoas de família e com o dinheiro q'a gente poupa — eu e minha mulher...»

Quando o tempo é promissor, deliciamo-nos com o frenesi do grupo, aos sábados e aos domingos, no cimo da colina! Levantaram paredes, até à laje de tecto, em tempo record!

Seria bom que os tribunais descessem ao Campo para, humildemente, se motivarem nestas acções, cuja riqueza incalculável — do ponto de vista económico-social — merecem tratamento especial...

Ou o direito a um tecto será privilégio de privilegiados?!

Júlio Mendes

# Partilhando

□ No domingo à noite, o «Tomate» e o «Vila Real» quando entraram na sala para jantar, foram recebidos com apupos de crítica: — «Chona, chona!» «Chona» é uma palavra galega, penso eu. Aqui a ouvi e aprendi. Significa «graxinha».

Aqueles dois meninos tinham ido fazer trocos a uma confeitaria da cidade. Lá, uma senhora que os atende e de quem eles falam com tanto carinho, deu-lhes prendas de Natal: chuteiras, carrinhos, mimos! Ora, lá os viram de manhã, à tarde e à tardinha, de volta da senhora e não lhes perdoaram o abuso. Sim, o abuso! Não me parecem ciúmes...

Mas o que eu ouvi e eles!... Deixei, deixei falar até me parecer que era demais. As baionetas das palavras deram então lugar àqueles olhares que falam ainda mais.

No fim de jantar, vêm os dois, «Tomate» e «Vila Real», falar comigo. Que não abusaram da amizade da senhora nem eram maçadores. Que a senhora é que era amiga deles e que até os tinha convidado para o baptizado de um filhinho seu! Afinal a senhora — culpada daquela zaragata — é que deveria sentar-se no banco dos «réus»! Isto é que é!

Hei-de conhecer aquela senhora de quem eles falam assim e hei-de «castigá-la»!

□ Há dias, fiquei «preso» na Rua da Alegria — Porto. Deixei a carrinha em sítio proibido e, quando voltei, um sr. polícia convida-me a não tirar dali o veículo até chegar o carro-reboque... Ainda pedi me deixasse ir embora. Estava com tanta pressa — um trabalho a decidir naquela tarde! E nada! Cruzo os braços, encosto-me à carrinha e digo ao nosso «Engenheiro» para chamar o Carlitos a render-me naquela «prisão».

Entretanto, o carro-reboque nunca mais chegava e o sr. polícia, lá da esquina da rua, olhava nervoso para as bandas do Bolhão. O dito carro não aparece mais! Tudo nervoso. A meu lado, outro «preso» nas mesmas circunstâncias. Quando o tempo perdido já era demais, somos «libertados» com esta advertência: — «Vão-se embora, mas terão que pagar quatrocentos paus». Tudo isto muito barato! Para nós é que é tudo muito caro — como Casa de educação ao serviço dos mais pobres. Aquele tempo perdido ninguém o pagará. Os quatrocentos paus pagamo-los nós.

A Autoridade ganha respeito se o fardo da responsabilidade e dignidade for mais importante do que as fardas.

□ Chego aqui cansado da cidade, dos engarrafamentos, da

poluição, dos recados feitos de quinze em quinze dias.

O Adriano, nosso antigo gaiato, está lá no Hospital de Santa Maria, para ser operado à coluna. A senhora de que falei da última vez, estava sozinha à porta do seu barraco. Irá para Coimbra, onde P.e Horácio acolherá os seus três filhos e ela, junto da sua família, receberá o pão trabalhado com suas mãos.

Ao entrar no portão da nossa avenida, um bando de pardais, irrequietos, levanta voo e se dispersa. Mais acima, os nossos vaqueiros carregam, do silo, dornas de pasto para as nossas vaquinhas. Mais lá ao cimo, é o fim. A carrinha cheia de brinquedos atrai a atenção da pequenada e todos querem ajudar. Todos dizem que podem com os sacos, mesmo os «Batatinhas». O Nuno e o irmão aparecem logo, em companhia dos dois irmãos de Alfena. Sempre os quatro em companhia, pois são nossos a partir do mesmo dia. Ficaram juntos e andam sempre juntos! Os dois primeiros, logo que chegaram, foram «esperar» o P.e Carlos que vinha de Setúbal e junto à estação do comboio quando fugiam para a rua donde vieram. Hoje, felizes, não fogem porque se sentem em sua casa. Ao Carlitos «Piletas» se deve a obrigação de os ambientar naquelas primeiras horas tão difíceis.

São eles que se guardam e ajudam. É assim o espírito da nossa Obra.

□ O Tó trouxe dinheiro da venda que, indevidamente, guardou para ir comprar guloseimas. Apanhado na aventura, por um colega mais velho, fez-se o «tribunal» na presença dos vendedores do jornal. Ouviu da boca deles o castigo. Isto dói. A uns e a outros. E não pode deixar de ser assim. Eles são o princípio e o fim! A confiança — uma meta e um alicerce — essenciais na educação. Senti-la cada um é uma responsabilidade para todos. E todos por um...

Padre Moura

# PRESÉPIOS

■ A dez minutos da torre dos Clérigos e das ruas iluminadas, numa rua estreita de paralelo escorregadio, está um presépio ao vivo que há dias visitámos.

Ei-lo:

Debaixo duma escadaria de madeira, que serve de acesso ao 1.º andar, está o catre com um grande colchão de folhelho. O Menino Jesus tem 65 anos. Está estendido e imóvel debaixo da confusão dos cobertores, donde sai envengonado o tubo das urinas. Já não fala. A esposa é bem a imagem da Mãe — pelo modo carinhoso como trata o Homem-menino-Jesus. Não há musgo. Humidade e tons amarelos nas paredes mordidas. No chão do pequeno cubículo, é tal a confusão e mistura de coisas... As refeições são feitas no estreito corredor que dá acesso à cave, onde, no meio dos canos de esgoto e água, está outro presépio com outros santos sofrendores.

Noutras ruas, nas caves doutras casas, dezenas de «grutas»... É sempre Natal, aqui!

O Menino Jesus habita neste sub-mundo — nas crianças, nos adultos e nos doentes... Também naqueles que trocam os cobertores por vinho.

Não quero tirar alegria ao teu Natal; antes, indicar-te o caminho duma alegria maior, que é desceres às «grutas» e deixares lá um pouco de conforto e paz.

■ Muitos amigos vieram até nós, por carta e pessoalmente, com o desejo bem vivo de dar aos nossos rapazes mais alegria! E conseguiram.

É tão bom partilhar com os Outros o nosso bem, as dores, os dons!

Não é tanto a comida e a bebida... Pode ser uma flor, um sorriso, um grilo a cantar, um riacho a correr, o compreender, o tolerar.

Mesmo agora chegou ao escritório o Nuno. Tem cinco anos. Pediu-me um lápis e um papel para fazer bonecos. Está ao meu lado, tão feliz!

As crianças que têm tudo o que pedem não são felizes... As coisas entram de roldão pelos olhos dentro e atrapalham o coração. Muitos pais ainda não compreenderam que a felicidade das crianças não está nos montes de brinquedos. Tudo tem a sua medida. O excesso embota a sensibilidade.

O Nuno pediu-me um carrinho de corrida prò Natal. É o seu sonho. Só terá o carrinho. Se lhe dêssemos mais brinquedos, matariamos o sonho e plantávamos tristeza no seu coração.

■ Este ano foi uma fartura de presépios! Em cada casa, seu — seis. Todos com gruta, musgo, árvore, luzes que acendem e apagam, bolinhas, sino, ovelhas, pastor, reis e a Família de Nazaré.

Ontem encontrei os da casa três bem chateados — porque o «Janota» faz chichi na cama. A dele fica perto do presépio.

— Não vê como cheira?!

— Deixa lá, o Menino Jesus, durante um ano, fez chichi todos os dias.

— Mas o «Janota» tem que lavar todas as manhãs.

— Tem que lavar mesmo — respondi.

Se à noite vieres à nossa Aldeia, verás nas janelas das casas o acender e apagar. São eles — os presépios — mesmo ao lado do sono e dos sonhos dos nossos rapazes.

Padre Telmo

## AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

impedido o ingresso dos nossos pequenos vendedores. Para lá do aspecto material, mais nos importa perder o contacto quinzenal com inúmeros Obreiros de fora, que ao longo de dezenas de anos comungaram da nossa vida e nos manifestaram solidariedade ímpar.

Alguns Amigos, sobretudo da Velha-Guarda, têm-se interessado pela solução dos problemas postos, diligenciando desta e daquela maneira, consoante os lugares e as circunstâncias. Infelizmente, porém, esbarram com normas e directrizes que, embora legalistas e compreensíveis não têm em conta outros valores. Que fazer?

Oferecemos aos nossos Amigos duas sugestões: A primeira é arranjar alguns Cireneus ou, se quiserdes, «pontas de lança», dispostos a receberem os jornais nas portarias e, depois, os distribuírem nos Serviços. A segunda é fazerem-se assinantes de O GAIATO, organizando listas, a remeter posteriormente para a Casa do Gaiato de Lisboa, que é a Casa da zona onde nos encontramos. A assinatura está computada em 150\$00 anuais; e aconselharmos a sua renúncia para esta Casa do Gaiato baseia-se no facto de as diferentes Casas serem autónomas sob o ponto de vista financeiro e o produto da venda, uma das nossas maiores fontes de recei-

ta, ser seriamente afectado pelas proibições referidas.

● Falámos aqui de vocações.

Insistimos. Se alguma coisa desejaríamos ver no nosso sapato era a vinda de dois ou três leigos e, se possível, um sacerdote, para melhor e mais eficazmente darmos respostas adequadas aos problemas que nos são postos. Servindo de modo discreto, sem verborreias, dando a vida por aqueles que nos vão sendo confiados, eis uma proposta ou convite que fazemos àqueles que, porventura, com vocação, andam distraídos ou desviados dos seus verdadeiros caminhos. O jovem rico do Evangelho sabia bem as vias para abraçar a Vida Eterna; mas, logo que o Mestre lhe disse para deixar as riquezas e O seguir, partiu cheio de tristeza... Não sucederá isso contigo, Senhora ou Homem que lês estas palavras? Anda, deixa tudo e vem servir os nossos Irmãos mais pequeninos.

● Mais uma vez um aviso: não patrocinamos peditórios, rifas ou sorteios de qualquer natureza.

Nas ruas de Lisboa continua a costumada exploração. Raparigas põem fitas nas lapelas das pessoas dizendo que o produto é para a Casa do Gaiato. É mentira. Pedimos a vossa colaboração.

Padre Luiz

# O NOSSO JORNAL

■ «Em nome de meu marido, que tem vindo a receber O GAIATO desde Janeiro, venho agradecer-lo — como reflexo da Obra lançada pelo Padre Américo.

Que Deus seja louvado por esta Obra que miraculosamente existe no meio das loucuras do nosso tempo.

Junto um cheque para a assinatura de O GAIATO. Se não chegar, queiram dizer quanto falta.

Peço não acusem recepção nem agradeçam nada. Só peço uma coisa: ruegem a Deus, não que me tire a cruz que me dá mas dê Fé e Forças para aceitá-la com alegria.

Esperando sempre a chegada de O GAIATO.

Assinante 6483.»

■ «Com muito atraso (e vergonha pelo atraso) envio

um cheque para pagamento da minha assinatura. Obrigada por não me cortarem da lista de assinantes de um jornal que, afinal, tanta falta me faz!

Assinante 23392»

■ «Desejo muitas felicidades em Nosso Senhor Jesus Cristo. E peço a Deus que ajude e proteja a Obra da Rua,

os Rapazes e Padres que trabalham nessa Obra do Padre Américo.

Junto 500\$00 para a assinatura do jornal. Logo que me seja possível, mandarei mais.

O GAIATO é lido por nós e meditado. É o Evangelho vivo, uma lição que precisa ser seguida neste mundo de tanta maldade.

Assinante 26581»



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa